



**“Num estiramento de libertação no papel”:
O arquivo literário de Lygia Fagundes Telles
e sua correspondência com Simone de Beauvoir**

***“In a Paper Release Stretch”: The Literary Archive of
Lygia Fagundes Telles and Her Correspondence With
Simone de Beauvoir***

Angela das Neves¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

angela.neves@usp.br

Resumo: O arquivo pessoal da escritora paulista Lygia Fagundes Telles (1923-) faz parte do acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), desde 2004. De máquina de escrever a originais e cartas recebidas de amigos e escritores, esse material ainda requer estudos acadêmicos. Este artigo trata da cessão desse rico manancial para os estudos sobre a obra lygiana bem como descreve seu conteúdo e discute a sua catalogação. O objetivo é fazer um levantamento crítico desse tesouro do arquivo da escritora, concentrando-se na observação de alguns grupos de objetos no conjunto do acervo, como treze cartas da escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986). Por meio do estudo analítico da correspondência pessoal da autora brasileira, que reúne as teorias sobre arquivos pessoais e a crítica genética sobre a carta, este texto relaciona a documentação estabelecida no IMS à obra ficcional de Lygia Fagundes Telles, ressaltando o movimento permanente da escritora em manter a memória de si em seus escritos. Ao guardar, ainda em vida, numa instituição de acesso público, seus manuscritos, as cartas recebidas de seu círculo literário, entre outros textos que considerou de interesse geral para o

¹ Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutoranda em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

conhecimento de sua obra, a autora de *Conspiração de nuvens* concebeu mais um misterioso projeto, cujas entrelinhas são estudadas aqui.

Palavras-chave: arquivo literário; epistolografia; crítica genética; Lygia Fagundes Telles; Simone de Beauvoir.

Abstract: The personal archive of the writer Lygia Fagundes Telles (1923-) from São Paulo is part of the *Instituto Moreira Salles*' collection since 2004. The present paper deals with the rich source for studies concerning *lygian* works, as well as it describes the content and discuss its cataloging. The purpose here is to make a critical research of this writer archive treasure, focusing on the observation of object groups in the collection set, such as the thirteen letters written by the French writer and philosopher Simone de Beauvoir (1908-1986). Through the analytical study of the Brazilian writer's personal correspondence, which includes the theories on personal archives and genetic criticism regarding the letter, this paper connects the dossier located at IMS to Lygia Fagundes Telles' fictional works, sticking out the writer's constant movement to maintain herself-memory into her writings. The author of *Clouds Conspiracy* has conceived another mysterious project, during her life, keeping under the care of an institution with free access her manuscripts, the letters changed with her friends literary set, and other texts which she considered as having a general interest for the knowledge of her works. The implied sense of this project is studied here.

Keywords: literary archive; epistolography; genetic criticism; Lygia Fagundes Telles; Simone de Beauvoir.

FIGURA 1 – Desenho de Flávio de Carvalho



Fonte: Arquivo Lygia Fagundes Telles/
Acervo IMS . Ref.: BR IMS CLIT LFT
Dico 0172

FIGURA 2 – Remington Junior preta de Lygia Fagundes Telles



Fonte: Fotografia de Marcio Isensee, 2013.
Fotografia de Marcio Isensee, 2013. Arquivo
Lygia Fagundes Telles/ Acervo IMS

No entanto, se eu fosse mulher, não gostaria de ter por amigo um homem incapaz de me dar senão brincos; e, mesmo adorando as pérolas delicadas e a água petrificada dos diamantes, acharia isso insuficiente para exprimir todas as nuances do afeto e me fazer passar as longas horas de tédio solitário. Gostaria de esperar pelo envelope em que a sua reconhecida escrita me traria a promessa de cumprimentos engenhosos, de histórias contadas, de anedotas divertidas e da fantasia alegre ou tenra, lançada linha por linha, para mim, para me agradar e distrair. (MAUPASSANT, 2008, p. 263).²

² “Si j’étais femme cependant, je n’aimerais pas avoir pour ami un homme incapable de me donner autre chose que des boucles d’oreilles; et, bien qu’adorant les perles délicates et l’eau pétrifiée des diamants, je trouverais cela insuffisant pour exprimer toutes le nuances de l’affection et pour me faire passer les longues heures d’ennui solitaire.

Cada indivíduo é um *produtor de arquivos* sobre o seu próprio agir num mundo ordenado que o governa. (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 10).³

Estranhei ouvir sua voz que de repente parecia vir de longe, lá da sala. De dentro do álbum de retratos. E o álbum estava na prateleira. (TELLES, 2010b, p. 65).

Alguns estudos históricos franceses sobre a tradição dos arquivos pessoais costumam dividi-los em quatro categorias: arquivos domésticos, nos quais se enquadram listas, bilhetes, agendas, anotações e álbuns de fotos, que guardam relação com as atividades do lar e da família; a correspondência que – “como um destino, atravessaria solitariamente o tempo por meio de sentimentos únicos numa ilha deserta, com seus sentimentos originários que rompem o magma da sociedade”⁴ (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 5) – reúne cartas com o diálogo epistolar entre duas pessoas; os arquivos de trabalho, nos quais se incluem diários, agendas, cadernos, notas, relatórios, entre outros; e os arquivos públicos da administração, com documentos jurídicos e de Estado.

O arquivo literário encontra-se num lugar muito particular, em meio a esses outros modelos. Entre o individual e o institucional, o privado e o público, o íntimo e o social, o confidencial e o coletivo, o arquivo de escritor é preservado com a intenção de um dia ser revelado. No âmbito do lar, é guardado e esquecido por um tempo; ao ser resgatado com suas lembranças afetivas, procura-se um lugar em que possa ser rememorado para sempre. A escolha do momento e do local de exposição e divulgação desse material poucas vezes é de livre-arbítrio do próprio dono desses documentos. Entretanto, foi o que aconteceu com Lygia Fagundes Telles.

Je voudrais attendre l’enveloppe où son écriture reconnue m’apporterait la promesse des compliments ingénieux, des histoires racontées, des anecdotes amusantes, et de la fantaisie joyeuse ou tendre, jetée de ligne en ligne, pour moi, pour me plaire et me distraire.” Da crônica “Le Style épistolaire”, publicada primeiramente em *Le Gaulois* em 11 de junho de 1888.

³ “*Chaque individu est un producteur d’archives sur son propre agir dans un monde ordonné qui le gouverne.*”

⁴ “[...] comme un destin, traverserait solitairement le temps par des sentiments uniques sur une île déserte, avec ses sentiments originaires qui crèvent le magma de la société”.

1 Lygia através do arquivo

Os arquivos pessoais são como fantasmas, basta vê-los para que eles apareçam. (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 17).⁵

Tirado do domínio familiar, onde perdurou por pelo menos cinquenta anos, o acervo da escritora no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, doado em 2004, reúne: fotografias – algumas com dedicatórias à escritora, como a de Manuel Bandeira e de Ungaretti (em francês); originais manuscritos de obras e cartas; os datiloscritos da primeira tradução de *Ciranda de pedra* para o francês feita pelo padre Paul-Eugène Charbonneau (*La ronde des nains*, 1964); notas de leitura; manifestos; provas de livros (os originais de *Durante aquele estranho chá*, de 2002, e *Invenção e memória*, de 2000); roteiros para filmes (*Hyde Park*, um longa-metragem em coautoria de Lygia com Antônio Lino e Mário Borges, adaptado de obra dela); recortes de jornais; discursos da autora na ABL; boletins da ABL; convites; condecorações (como a de Chevalier de l'Ordre, des Arts et des Lettres, concedida pelo Ministério da Cultura Francês, em 21 fev. 1997); fitas magnéticas em VHS (com entrevistas – a do *Roda Viva* de 1996 –, documentários – como o *Narrarte*, de 1990, dirigido por seu filho Goffredo da Silva Telles Neto); objetos pessoais (entre eles uma máquina de escrever Remington Junior portátil) e livros de sua biblioteca particular, ainda sem catalogação.⁶

Na base de dados do IMS há exatamente 1074 registros com o nome da escritora. Ali constam cartas dela também nos arquivos de outros que têm obras ou documentos guardados no IMS, como: Lêdo Ivo, Rachel de Queiroz (dez cartas de Lygia a Rachel – cartas datadas de 09 mar. 1982 a 4 jul. 2003), Érico Veríssimo (dezenove cartas de Lygia a Érico – datadas de 26 nov. 1940 a 12 set. 1975), Décio de Almeida

⁵ “Les archives personnelles sont comme des fantômes, il faut les voir pour qu’elles apparaissent.”

⁶ Lygia escolheu o IMS, embora todo o arquivo de seu segundo marido, Paulo Emilio Salles Gomes, tenha sido doado por ela à Cinemateca Brasileira, situada em São Paulo, um ano após a morte dele, em 1978 (cf. site da Cinemateca: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=APESG&lang=p>. Acesso em: 01 mar. 2019). Tendo ele sido cineasta, diretor e o idealizador dessa instituição, a escolha feita pela escritora é inteiramente justificada, e a sua opção pessoal por outro arquivo para abrigar seus pertences é um dos objetos de nossas indagações neste artigo.

Prado (quatro cartões e bilhetes de Lygia a Décio, datados de 21 abr. 1989 a nov. de 1992), Otto Lara Resende (sete cartas datadas de 12 mar. 1957 a dez. 1985).

Na correspondência pessoal da autora (passiva), encontramos quatro mensagens recebidas de Carlos Drummond de Andrade (carta de 28 jan. 1966, cartão de 22 abr. 1982, bilhete de 25 maio 1981, cartão de dez. 1979), duas cartas de Fernando Henrique Cardoso (12 mar. 1997 e 28 nov. 1994), uma carta de Nelly Novaes Coelho (29 out. 1989), uma carta de Ana Miranda (21 maio 1998), quatro mensagens de Lya Luft (uma sem data; 04 ago. 1978, 26 jan. 1977 e um telegrama de 18 abr. 1984), treze cartas de Simone de Beauvoir (sem data), cartas dos sucessivos editores de Lygia (José Olympio, Rocco), de universidades estrangeiras (Indiana University, Universität Zürich etc.), uma carta de José Mindlin (jan. 1990), três de Josué Montello (abr. 1996, 14 set. 1988 – esta enviada de Paris – e 4 dez. 1995), uma de Nélide Piñon (23 set. 1997), uma de Maria Isaura Pereira de Queiroz (26 jan. 1977), uma de Péricles Eugênio da Silva Ramos (24 ago. 1991), uma da sua agente literária Lucia Riff (22 set. 1998), uma de Antonio Candido (15 maio 2005), 35 cartas e dois telegramas de Érico Veríssimo (datadas da década de 1940 a 1975) e diversas missivas de destinatários desconhecidos.

Nota-se que, dentre os correspondentes mais assíduos de Lygia Fagundes Telles, do que se conhece hoje por meio do Acervo do IMS, estão os escritores Érico Veríssimo, Simone de Beauvoir e Rachel de Queiroz. A autora de *O Quinze*, colega de Lygia na ABL e falecida em 2003, em depoimento feito em 1985, comentou sobre seus laços de amizade e o fato de pouco se verem, tendo em vista que morava no Rio; para ela “a cada reencontro, promovemos aquela recuperação e, afinal de contas, nós duas sabemos ler e escrever e trocam-se mensagens escritas”.⁷ O corpus desse diálogo por cartas devia ser, portanto, muito maior do que o estimado no acervo de Rachel de Queiroz no IMS, onde permanecem hoje apenas dez cartas da escritora paulista à amiga cearense.

Há poucos exemplares da correspondência ativa de Lygia Fagundes Telles no seu próprio arquivo – apenas cinco registros no seu

⁷ Recorte de jornal que consta como item no Acervo do Instituto Moreira Salles ([201-]) com código de referência BR IMS CLIT RQ RQ Pim (049766.jpg) de Autoria Rachel de Queiroz, escrito em São Paulo em novembro de 1985. Disponível em: <http://acervos.ims.com.br/>. Acesso em: 02 mar. 2019.

arquivo pessoal: a Armando Falcão (25 jan. 1977), a Otávio Frias Filho (28 mar. 1994), a Felipe Herrera (8 fev. 1982), a um destinatário não identificado e a Candido Manuel Martins de Oliveira (sem data). Ao contrário do que ocorre no acervo de outros escritores no IMS, esses registros das correspondências não apresentam descrição de âmbito e conteúdo das cartas. Portanto, somente em visita agendada como pesquisador é possível conhecer e ler o teor dos documentos. Foi o que fizemos para estudar alguns grupos dos correspondentes mais frequentes de Lygia, como Érico Veríssimo e Simone de Beauvoir.

O consentimento explícito da escritora ao doar esse acervo ao IMS demonstra seu interesse em fazer de conhecimento público a abertura desses itens até então considerados confidenciais. Como definem Artières e Laé (2011, p. 15), “o ‘eu’ foi levado a sério” (“*le ‘je’ a été pris au sérieux*”). Superado o risco de perda do acervo, com o transporte na transferência dos documentos, a passagem do arquivo privado ao institucional revela um procedimento que é menos comum quando realizado ainda durante a vida do escritor. O ato de Lygia Fagundes Telles – que evitou o eventual e pósteros descarte desses documentos por olhos menos cautelosos – não apenas se coaduna com a sua constante generosidade para com seus leitores e críticos, como também mostra ser um desejo implícito de ressaltar a importância que conscientemente tem sobre o teor desse arquivo, em seu conjunto. Sua escolha por um estabelecimento que já abriga em seu acervo originais de outros amigos e correspondentes seus (como Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, entre outros), e não uma biblioteca pública ou uma instituição de ensino e pesquisa, é outro fator que queremos ressaltar neste artigo – um instituto (de iniciativa privada) onde o acervo poderá ser conservado por especialistas, de acordo com as técnicas adequadas, catalogado, publicado (sob autorização) e com poder de controle sobre o acesso aos documentos. No caso da correspondência, os registros indicam que a autora de *Invenção e memória* guardou ali sobretudo as missivas de escritores e intelectuais que faziam parte de sua rede de sociabilidade literária. Nessa seleção, teriam sido descartadas as missivas de familiares, sobre assuntos domésticos, assim como as cartas de leitores? Isso faz refletir sobre os motivos e as escolhas da escritora paulistana para a guarda dessas mensagens, e sua certeza de que esses textos são documentos que devem ficar para a posteridade ali naquele conjunto – e não deveriam ser devolvidos aos seus autores ou familiares destes.

Dessa forma, é interessante observar que esse *corpus* representa um microcosmo epistolar, num universo certamente mais amplo da correspondência da escritora paulistana. Nosso objetivo é revelar a motivação da autora para o arquivamento desse conjunto do seu “tesouro epistolar” (DIAZ, 2007, p. 149), que prevê procedimentos metodológicos de conservação, de cessão para divulgação restrita a pesquisadores, de organização, bem como de abstração de um legado que deixa de ser pessoal e confidencial para ganhar foros de objeto de interesse público. A seleção desses objetos do arquivo de si, por parte da escritora, demonstra sua percepção da relevância desse material para o conhecimento de suas redes de interação e sociabilidade, mas também de que a guarda pessoal e privada desses documentos já não é tão importante.

É preciso notar que, mesmo guardado num estabelecimento de acesso público, este é sempre limitado, restrito a um pequeno grupo autorizado, e a reprodução dos documentos só pode ser feita após consentimento dado pela agência responsável por intermediar os interesses da autora ou pelos detentores de seus direitos.

2 A correspondência entre Lygia Fagundes Telles e Simone de Beauvoir

O pacote estava amarrado com uma estreita fita vermelha. Desatei a fita e as cartas agora livres pareciam tomar fôlego como seres vivos. Na parte de cima os envelopes azulados com uma letra nervosa que faz a pena raspar o papel. Já a parte inferior do pacote tinha envelopes brancos e com a letra também muito apressada: eis aí dois missivistas agitados, diria um observador e eu concordaria, agitadíssimos. Deixei a pilha de cartas no chão para que não desmoronasse mas a verdade é que não queria mexer nessas cartas presas na tal fita que parecia amordaçar o segredo que elas guardavam mas pensando melhor pergunto agora, Seria ainda um segredo? (TELLES, 2012, p. 47).

O conto “As cartas”, citado acima, é anterior ao contato epistolar entre Lygia e Simone de Beauvoir. Publicado primeiramente no volume *Histórias do desencontro*, de 1958, foi republicado na antologia *Um coração ardente*, de 2012. Essa curiosa narrativa sobre uma correspondência amorosa que é então consumida pelo fogo por iniciativa da narradora, ilustra o interesse permanente da autora por essa forma literária que lida com lembranças, relações humanas, projeções, partilhas e separação. No conto, opera-se com um jogo de escolhas frustradas:

Luisa, a autora das cartas que opta por dar um fim a sua vida, pedira ao irmão que as enterrasse com ela; o irmão queria publicá-las, mas as entrega à personagem-narradora, amiga de Luisa, que por fim decide queimá-las, conforme sugerido pelo suposto correspondente das cartas, mas que enfim eram de autoria de outro amante de Luisa... Fora da ficção e autora de seu próprio destino literário, Lygia Fagundes Telles selecionou e guardou algumas de suas cartas, evitando qualquer outro arbítrio diferente do seu sobre essa importante parte de seu arquivo pessoal.

A abertura desse arquivo de memória, realizada em 2004, ou de parte dele, foi antecipada literariamente por Lygia também em sua obra ficcional. Na crônica “Papel quadriculado”, publicada no volume *Durante aquele estranho chá*, de 2002, ela fazia notória essa parte de sua correspondência. Passados quarenta anos do diálogo com a filósofa francesa Simone de Beauvoir, a escritora brasileira tirou as cartas recebidas do circuito privado e pôs à luz de seus leitores o contexto, o conteúdo e os interesses desse contato epistolar. Quando tivemos acesso aos documentos, que são, ao todo, treze cartas de Simone de Beauvoir, notamos que havia junto ao arquivo algumas cópias de uma delas, o que nos faz pensar que Lygia percebia o interesse que aquele escrito possuía para o conhecimento de parte de sua obra, da introdução cultural e editorial proposta pela autora francesa. Teria distribuído cópias dessa carta para amigos ou editores, no Brasil e na França? Qual o objetivo de divulgar essa carta e não as demais? Seu interesse nesse contato, em guardar essas relíquias femininas “achadas e perdidas”, em escrever sobre essa correspondência numa crônica, mostra a sua relação com a memória de um capítulo da história intelectual das mulheres, no Brasil e na França, e o reconhecimento de que em algum momento, no futuro, esses documentos íntimos se tornariam históricos e de maior dimensão cultural, além do interesse privado. Tendo mantido esse grupo de cartas, numa série maior de sua correspondência pessoal, concedeu um estatuto diferenciado a esses textos, que nos ocuparão aqui.

O diálogo entre as duas escritoras iniciou-se em 1960, ano em que Lygia se separou de seu primeiro marido, Goffredo da Silva Telles Jr., e da visita de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil (SACONI, 2010). Lygia era mãe desde 1954, quando também publicou seu primeiro romance, *Ciranda de pedra*. A correspondência com Simone de Beauvoir, que trata particularmente de questões literárias, prolongou-se pela década de 1970, quando Lygia esteve na França na companhia de seu segundo

marido, Paulo Emílio Salles Gomes, com quem se casou em 1963 e viveu até a morte dele, em 1977.

A relevância desses objetos do arquivo pessoal de Lygia Fagundes Telles é ilustrada pelo caráter semiológico que lhes é intrínseco. Conforme José-Luis Diaz, “uma carta é um objeto semiológico complexo, cujos numerosos parâmetros é preciso levar em conta” (2007, p. 142). Cada carta do acervo pode ser valorizada pelos quatro aspectos pertinentes ao gênero epistolar, apontados por Brigitte Diaz: como documento, como texto, como discurso e como fazer (DIAZ, 2016, p. 55). Como documento, “a carta testemunha uma realidade histórica, sociológica, política e literária” (DIAZ, 2016, p. 55); como texto, ela consiste numa forma ou gênero literário, com uma estrutura protocolar que lhe é própria, repleto de interpretações e sentidos a serem desvelados; como discurso, apresenta uma voz poderosa dentro de um universo social em que se coloca diante de um espectador com quem guarda um vínculo pessoal; como fazer, escapa às reflexões narcísicas sobre si e mostra a intenção de exercer uma ação sobre o outro que a recebe.

Dentro do universo da correspondência seleta para o arquivo, encontramos constelações como a da troca com Simone de Beauvoir, entre outros grupos de correspondências dispersas e pouco numerosas. Na documentação atual ali guardada, é dos poucos casos sequencialmente dispostos em conjunto. Ainda que não organizada cronologicamente, tendo em vista que faltam datas nas cartas (talvez pela obviedade estampada pelo selo postal no envelope – que não foi guardado), essa correspondência forma ainda um conjunto importante no volume, o qual apresenta elementos do diálogo estabelecido entre as duas escritoras. No caso desse comércio epistolar, a ideia da correspondência cruzada, que reuniria as cartas escritas e recebidas por Lygia Fagundes Telles, ainda constitui apenas um espectro. A correspondência ativa da escritora brasileira é pouco numerosa em seu arquivo e essas cartas à filósofa francesa são ainda cartas “fantasmas”, para usar um termo comum à crítica genética da epistolografia (DIAZ, 2007, p. 129), tendo em vista que não há certeza de que tenham sido conservadas e ainda existam. Esse é o caso efetivo, por exemplo, da carta recebida de Mário de Andrade e mencionada por Lygia em seu texto “Durante aquele estranho chá”, republicado no livro homônimo. Segundo a escritora, essa carta foi guardada por ela num caderno e perdida na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, quando ela ainda era estudante (TELLES, 2002, p. 31).

Como mencionamos, antes mesmo de abrir seu arquivo com essas cartas, Lygia Fagundes Telles tematizou essa correspondência em sua crônica “Papel quadriculado”, incluída no livro *Durante aquele estranho chá*. Após esboçar um retrato físico da filósofa, é a vez de descrever em detalhes de ficcionista o corpo das cartas. Nessa que menciona a seguir, comenta a leitura que Simone de Beauvoir fizera de seu primeiro romance, *Ciranda de pedra*, então traduzido para o francês pelo padre canadense Eugène Charbonneau.

Alguns dias depois, a carta de Simone de Beauvoir. Veio num papel todo quadriculado, o curioso papel que me fez pensar nos antigos cadernos de aritmética da minha infância e onde eu deixava cada número dentro do seu quadradinho – mas não era mesmo extraordinário? O papel disciplinado e a letra tão rebelde, difícil, num estiramento de libertação no papel com as fronteiras dos quadradinhos azuis. Quer dizer que me enganei? Não só tinha levado o livro mas confessava, gostou do livro, ah, gostou sim, lamentava apenas que essa não fosse uma tradução no francês parisiense. (TELLES, 2002, p. 37-38).

Ao contrário do que ocorreu com a carta de Mário de Andrade, mencionada em crônica no mesmo livro, essa carta de Simone de Beauvoir não é uma referência fantasmática: está bem “viva” no arquivo de Lygia no IMS. O duplo “desejo de ‘corresponder’” (DIAZ, 2016, p. 81) é evidente nessa troca epistolar. A escritora francesa solicita constantemente que a amiga brasileira lhe envie suas obras, traduzidas ou não para o francês. De sua parte, o que Lygia “pediria” a sua correspondente? Decerto uma leitora profundamente indagadora sobre as questões mais variadas da psique humana, sobretudo quanto ao discurso feminino, que podia praticar tanto em suas obras quanto nas suas reflexões sobre elas, estabelecidas na correspondência com Simone de Beauvoir.

Como observou Bruno Blanckeman, em artigo sobre a correspondência da escritora francesa Marguerite Yourcenar:

Que a troca com a destinatária seja colocada sob o signo da discordância ou do consentimento, ela permite à escritora encerrar o domínio de sua obra, afinar suas concepções em matéria de literatura, afirmar por esse viés um sistema de valores éticos pelo qual ela se situa em face ao mundo e à história do seu tempo. O próprio tempo em acordo com a prática epistolar testemunha sua

importância: trata-se menos de sacrificar[-se] a um rito mundano do que de se entregar, paralelamente à atividade literária, a uma prática textual que, mantendo esta última a uma distância relativa, torna possível a elaboração progressiva, inscrita nesse período de duração, de uma arte poética e de uma estética literária.⁸ (BLANCKEMAN, 2006, p. 187-188).

Trata-se, no caso aqui em estudo, não só de um lugar de memória da voz e da história de mulheres que ascenderam a um lugar social privilegiado de homens, na sociedade brasileira e francesa de meados do século XX, como também produzem um testemunho histórico, estabelecido pelo pacto epistolar mutuamente travado entre elas, em que se registravam práticas e experiências literárias e sociais que se mantiveram em momento relevante de suas produções. Esse “material epistolar” configura aqui um “arquivo documental” (DIAZ, 2016, p. 58) importante nas relações entre Brasil e França, tanto sob o aspecto sociocultural quanto literário.

A abordagem da correspondência entre Lygia e Simone de Beauvoir apresenta-nos dificuldades de diversas ordens. Do ponto de vista material, até o momento, só temos um “lado” dessa conversa; as cartas não estão datadas nem apresentam indicação de local, portanto um esforço maior é empregado para situá-las no tempo e no espaço – a ordenação sob a qual se encontram no arquivo pode ser considerada aleatória, não revelando nem o grau de proximidade estabelecido; sob o aspecto técnico, a caligrafia de Simone de Beauvoir impõe um desafio a mais à compreensão dos textos; sob o ponto de vista ético, estamos diante de documentos que tratam de uma escritora viva; sob o aspecto estético, há uma multiplicidade de discursos nas entrelinhas, que nos leva a harmonizar sua leitura e interpretação à luz de diversas teorias nem sempre convergentes; já considerando as condições socioculturais desse

⁸ “Que l’échange avec le destinataire soit placé sous le signe du désaccord ou de l’assentiment, il permet à l’écrivain d’achever la maîtrise de son œuvre, d’affiner ses conceptions en matière de littérature, d’affirmer par ce biais un système de valeurs éthiques par lequel elle se situe face au monde et à l’histoire de son temps. Le temps même accordé à la pratique épistolaire témoigne de son importance: il s’agit moins de [se] sacrifier à un rite mondain que de se livrer, parallèlement à l’activité littéraire, à une pratique textuelle qui, tenant celle-ci à distance relative, rend possible l’élaboration progressive, inscrite dans la durée, d’un art poétique et d’une esthétique littéraire.”

diálogo, temos diante de nós dois mundos diversos, traçados em línguas e contextos de produção diferentes, postos em relação e aproximados pelo interesse comum de duas mulheres de letras pela literatura.

Ao analisarmos os textos em conjunto, notamos a brevidade deles, o que, se comparado a cartas do mesmo período de produção de Simone de Beauvoir a outros correspondentes, é menos comum (BEAUVOIR, 2000). Seria motivado pela percepção de que sua amiga brasileira pensava em outro idioma? Desejo de comunicação rápida? Pouco assunto a tratar? Excesso de trabalho? Essas cartas, mesmo as mais breves, como textos literários que são, apresentam-se sob uma estrutura protocolar que é comum ao gênero: no *incipit*, Simone de Beauvoir cumprimenta sua correspondente, agradecendo o contato anterior e, eventualmente, desculpando-se pelo atraso na resposta ou ainda fazendo uma sumária apreciação estética da carta que lhe fora enviada previamente; na conclusão, fala de seu próprio estilo, emite votos ou o desejo de reencontro (por carta ou pessoal). São *topoi* frequentes do gênero epistolar (DIAZ, 2016), praticados por missivistas experientes, tal como é a escritora francesa (suas correspondências, amplamente publicadas, são um capítulo à parte da história das edições de cartas na França). Outro *topos* comum ao gênero é a tematização de si, relatando dificuldades pessoais na resposta, a dimensão do tempo elencada, doenças, viagens ou mudança que impediram um contato anterior. Alguns índices de formalidade, protocolares no francês, mostram que a familiaridade entre as duas amigas (assim Beauvoir a chama, em quase todas as cartas) é limitada. A adesão ao prenome, que substitui nome e sobrenome, se torna frequente nas cartas quando próximas do encontro pessoal. Já na assinatura, está sempre o “S. de Beauvoir”, sem modificação. O tratamento é sempre por “vous”, jamais passando ao “tu”. Como um gênero híbrido entre o oral e o escrito, entre a memória e a ficção, a carta guarda marcas simbólicas e inconstantes que aproximam e afastam, entregam e tomam de volta uma personalidade. Encena uma doação e orchestra um recolhimento de si. Esse carteadado jogado em dupla apresenta regras e as altera durante a partida; o adversário é amigo e rival; projeta expectativas no outro e aguarda a recepção e o retorno; infere e interfere na resposta.

Como “pequenos fatos de escritura”, de “realidades em cadeia” (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 9), esses documentos reunidos no arquivo pessoal de Lygia Fagundes Telles, guardados e depositados para a leitura de seus pósteros, são testemunhos de uma relação, um pacto intelectual

entre as duas correspondentes, que durou cerca de uma década ou mais. Entre os interesses de Simone de Beauvoir, uma escritora consagrada no auge de seus 52 anos (na primeira carta, Lygia tinha 37) e então traduzida também no Brasil, podemos incluir suas indagações sobre o alcance da filosofia existencialista e das reivindicações feministas, bem como a percepção de um potencial de amadurecimento dessas questões na obra de Lygia Fagundes Telles. Em algum nível, também poderia testar seu poder de convencimento junto aos editores franceses, Gallimard sobretudo, casa editorial onde sua obra é publicada até hoje. Por outro lado, quais seriam os motivos do arrefecimento da correspondência passados alguns anos? Simone de Beauvoir faleceu em 1986, mas nessa década não identificamos nenhuma missiva à amiga brasileira.

É possível recuperar a constância e estimar a época dessa troca epistolar, ainda que não datada, por meio de referências dadas pela autora: livros recentemente publicados e enviados, viagens, visitas, entre outros. Notam-se alguns hiatos, silêncios de longos períodos, uma fase de adensamento do contato (por ocasião do reencontro na França) e depois a rarefação do diálogo, até o silêncio tumular com o fim da correspondência. Junto com as missivas, trocam-se impressões de leitura, livros, retratos e muita amabilidade.

Essa amizade epistolar é assentada na literatura e no compromisso social com o espaço conquistado pela mulher escritora. Ao lermos essas treze cartas, percebemos o constante interesse de Simone de Beauvoir por conhecer e divulgar a obra de Lygia na França. Há uma notável colaboração feminina nesse contato entre duas intelectuais que partilham uma visão livre da mulher, na vida pessoal, amorosa e profissional, independente da sombra masculina dos grandes homens com quem viveram. Pouco tratam de questões domésticas, não há grandes confissões nem tempo para crises de identidade. Sua preocupação comum é com a literatura e a publicação de suas obras, seu alcance nos respectivos países; em algum momento, como demonstra a carta a seguir, tratam da dificuldade de publicação, sobretudo dos contos, que têm menor interesse junto aos editores.

Cara amiga

Obrigada pela sua carta, gentil e vivaz como você. Obrigada pela novela que me ofereceu e que acho muito bonita. Sim, gostaria de ler as outras: mas, para a publicação, seria ainda mais difícil que o romance; os editores, aqui, dizem que os livros de novelas não vendem. Tentarei assim mesmo. E tenho pressa de ler o novo romance que você está escrevendo.

Você não voltará a Paris? Eu ficaria muito contente de revê-la.

Muito afetuosamente,

S. de Beauvoir

11 bis, rue
Schœlcher
Paris – 14^e

A amiga francesa desejava exercer um papel social de agente literária e intermediadora cultural, pois procurou divulgar, por meio de sua poderosa voz feminina, os contos e, principalmente, os romances da escritora brasileira. Esse ato generoso por parte de Beauvoir possui também traços de uma intenção de entrelaçar uma teia de escritoras feministas ao seu redor, além-Atlântico. Durante suas viagens, ela

⁹ “ Chère amie

Merci de votre lettre, gentille et vivante comme vous. Merci de la nouvelle que vous m’avez dédiiée et que je trouve très jolie. Oui, j’aimerais lire les autres: mais pour la publication, ça sera encore plus difficile que le roman, les éditeurs, ici, disent que les livres de nouvelles ne se vendent pas. J’essaierai tout de même. Et j’ai hâte de lire le nouveau roman que vous êtes en train d’écrire.

Ne reviendrez-vous pas à Paris? Je serais si contente de vous revoir.

Bien affectueusement,

S. de Beauvoir

11 bis, rue
Schœlcher
Paris – 14^e”

Acervo Lygia Fagundes Telles / Instituto Moreira Salles. Todas as cartas de Simone de Beauvoir citadas neste artigo, traduzidas por mim, pertencem ao arquivo da escritora brasileira no IMS e obtivemos a devida autorização de sua agente e das famílias das autoras para a reprodução no âmbito desta pesquisa.

procurava estabelecer contatos com escritoras e saber das condições sociais e de produção intelectual nos países que visitava. Por outro lado, para a brasileira, Beauvoir passa a ser, naquele momento, um termômetro da primeira recepção da obra de Lygia na França; as invectivas da amiga francesa, no entanto, não obtiveram sucesso junto à editora Gallimard, na qual Lygia não teve nenhum livro publicado (ver anexo II). Simone de Beauvoir havia percebido a dificuldade de convencer o editor a lançá-la, por isso sugere que envie outros livros, mesmo em português, principalmente romances, pois essa editora vinha investindo em autores latino-americanos.

Cara amiga,

Recebi bem o seu livro e isso me deu prazer por ter um sinal seu, ainda que eu não possa ler em português. Envie-o às edições Gallimard, rua Sébastien-Bottin, nº 5, Paris, 7º [arrondissement]. Eles têm um bom acervo de romances sul-americanos.

Você não virá mais a Paris? Eu ficaria muito feliz em revê-la. Muito amistosamente,

S. de Beauvoir¹⁰

Nesse carteadado, Lygia ocupa um lugar de fala, em princípio, pouco vantajoso. Como era para uma jovem mulher escrever num país de terceiro mundo e sob regime militar?, queria saber Simone de Beauvoir quando se encontraram no Brasil. Ao mesmo tempo, vencendo qualquer dificuldade de se expressar em francês, Lygia estabeleceu a comunicação, no seu permanente desejo de compreensão do universo literário, no Brasil e fora. No pacto epistolar tácito entre elas, nota-se a intenção subliminar de guardar a memória feminina de uma época. Por meio do conhecimento de outros grupos da correspondência de Lygia, sabemos da dificuldade que enfrentara para publicar seus primeiros livros: em carta de 1941 a Érico Veríssimo

¹⁰ “Chère amie

J’ai bien reçu votre livre et cela m’a fait plaisir d’avoir un signe de vous, bien que je ne puisse pas lire le portugais. Envoyez-le aux éditions Gallimard, 5 rue Sébastien-Bottin, Paris 7^e. Ils ont une bonne collection de romans sud-américains.

Ne viendrez-vous plus à Paris? Je serais heureuse de vous revoir.

Très amicalement,

S. de Beauvoir”

(BEZERRA, 2013), em tom de brincadeira, ela pede ao amigo que envie para publicação seu livro de contos, *Praia viva*, pois sendo ele homem e um escritor já conhecido, seria mais fácil ser escolhido pelo editor. Como se vê, as dificuldades enfrentadas pela escritora estreante, primeiro em seu país, e depois no exterior, estão registradas em sua correspondência.

Seria essa troca epistolar parte de uma prática e de um ideal de difusão do pensamento feminista e existencialista pelo mundo? Não muito distante delas, temos um exemplo no caso-limite de George Sand, uma prolífica escritora francesa do século XIX que, sob o pseudônimo masculino, produziu em liberdade sua obra literária e epistolar. Simone de Beauvoir já era um conhecido símbolo das manifestações de gênero. Nos limites impostos pela distância física, pela acessibilidade dos textos e do conhecimento do idioma em que essa literatura era produzida, teria a prática epistolar sustentado, por algum tempo, esse desejo constante de diálogo com a pensadora? Sabemos que Lygia sempre procurou ressaltar que sua literatura é feminina, mas não feminista nos termos das ondas desse movimento, que ela considerou (na entrevista de 1996, ao *Roda Viva*, que citamos) um pouco exaltado. Ela reconhece as dificuldades da profissão para ambos os sexos, não como algo pertinente apenas às mulheres; mas também observa as particularidades de obras escritas por mulheres.

Por sua vez, em diversos momentos de sua vida constatou o difícil acesso a grupos em que ela era uma exceção: no curso de Direito, nos anos 1940, as mulheres estavam ainda em pequeno número; na Academia Brasileira de Letras, ela foi a terceira mulher eleita (precedida por Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz).¹¹ Em dois fragmentos de *A disciplina do amor*, intitulados “As frases fatais” e “As frases ideais” (TELLES, 2010a, p. 140-142), em que cita Simone de Beauvoir (“mulher que admiro muito”, escreve ela), Lygia pondera o feminismo sob um olhar crítico e realista: no primeiro texto, considera a Revolução da Mulher como a mais importante do século XX, mas também nota suas contradições internas, entre um discurso de rejeição do modelo masculino e de afirmação de sua liberdade amorosa; já no segundo texto, concorda que a realização profissional feminina é importante, mas, no Brasil, a mulher não possui ainda uma retaguarda que a ampare nas suas diversas ocupações, dentro e fora de casa, visto que a divisão de tarefas é apenas

¹¹ Conforme se lê em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, feito em 12 de maio de 1987. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/discurso-de-posse>. Acesso em: 01 abr. 2019.

uma ilusão substituída pelo serviço doméstico. E entre as frases fatais, dá como conselho às revolucionárias a célebre frase de Che Guevara: “É preciso endurecer sem perder a ternura.”

Partindo de lugares de fala próximos, sob alguns aspectos, e distantes, em outros, esses exemplares do arquivo da correspondência de Lygia Fagundes Telles são narrativas de si que tecem vínculos entre os diversos autores ali atuantes. Na dimensão histórico-social, são personagens de um momento que refletem pensamentos de uma época. No plano íntimo, são colegas de profissão que partilham experiências e práticas de escrita de si. Dividem projetos e obras a fim de fazer conhecer parte de sua produção literária. Encontraram na troca epistolar uma forma potente e simbólica, igualmente literária, de sedução intelectual e convencimento, de manter esse espaço de discussão estética e social, um contato entre duas culturas, duas literaturas, duas obras em construção e, principalmente, duas pensadoras representativas de sua época. Há uma notável consciência da coletividade feminina que busca afirmar-se e ascender no panorama literário predominantemente masculino. Lygia observou, em seu discurso de posse na ABL, que a academia recebeu sua primeira escritora mulher antes mesmo da França, onde nossa instituição buscou seu espelho:

Senhores acadêmicos, senhora acadêmica,

antes de a Academia Francesa de Letras, que foi nosso modelo, receber Marguerite Yourcenar, esta Academia Brasileira de Letras teve o *beau geste* de abrir suas portas para Rachel de Queiroz. Em seguida, para Dinah. “Não quero um trono – diria também Rachel de Queiroz. – Quero apenas esta Cadeira.” (TELLES, 1987).

Como lugar de memória e encenação (“invenção e memória”, como Lygia intitulou um de seus livros), a correspondência consiste num projeto coletivo, de dimensão social e humana. Como guardiã da memória, sua e de amigos escritores, Lygia cria um arquivo em que o provisório, a carta, se torna eterno. Assim como sua ficção, que eterniza o ato da correspondência, tanto no conto “As cartas” (1958) quanto na crônica “Papel quadriculado” (2002). A lembrança do passado é vivificada e suavizada na crônica memorialista, que impede que esse tempo seja esquecido e perdido.

3 Conclusão

A carta é um gênero praticado desde as origens da literatura brasileira, que tem como texto fundador a carta de Pero Vaz de Caminha. Entre o documento histórico e literário, ela está diretamente relacionada com o relato de si, a projeção sobre a construção tanto do sujeito que escreve quanto da obra que está em vias de conceber (a própria carta em gênese ou uma obra de ficção mencionada na missiva). O caminho percorrido do remetente ao destinatário prescreve uma prática de doação do sujeito, que entrega ao outro parte de si e aguarda uma resposta.

No conjunto do arquivo em que estão, as cartas constituem um organismo vivo. Como a narradora lygiana observa no conto “As cartas”, são seres vivos e, quando consumidas pelo fogo, “contraíndo-se com estalidos secos pareciam rir” (TELLES, 2010b, p. 55). Quando reunidas e sobreviventes pelo zelo da guardiã, arquivista e pesquisadora, as cartas repercutem entre si, ecoando vozes do passado, mantendo a memória pessoal e coletiva. Juntas, ganham força e se renovam, permitindo-nos uma visada mais larga, contextualizada e repleta de sentidos. O arquivo tem o papel de dar acolhida, eternizar e garantir que esses diálogos não se percam, que a amizade interrompida pela distância ou pela morte não seja nunca esquecida. Fragmento da escrita de um dia, passa do individual ao social, do temporário ao eterno.

O ato de entregar a guarda desses textos a um arquivo assemelha-se a esse processo. Ao depositar alguns de seus objetos e escritos pessoais no Instituto Moreira Salles, Lygia Fagundes Telles realizou uma escolha de repletas motivações e consequências que procuramos apontar ao longo deste estudo: selecionou aqueles que dialogavam com o grupo de documentos do acervo – correspondência com escritores também guardados no IMS, objetos que entram na mesma ciranda de seus colegas (máquina de escrever, fotos, discursos, cartas de alguns deles) – e que certamente julgou de relevância histórica e literária. Passadas décadas em que esses documentos conviveram em relativa proteção doméstica com a escritora, nos apartamentos em que residiu em Higienópolis e nos Jardins, em São Paulo, em 2004 foi o momento de transferi-los para a guarda de uma instituição na Gávea, no Rio de Janeiro, com tradição recente, mas consolidada, na conservação de arquivos de escritores e artistas nacionais (o departamento de literatura iniciou suas atividades em 1994). Essa opção faz-nos pensar em duas motivações principais e complementares:

assim como seus correspondentes, a escritora paulista preferiu ceder a um estabelecimento em que um público não especializado, mas seletivo, pudesse ver seus escritos e originais junto aos de outros grandes escritores brasileiros contemporâneos, em possíveis exposições coletivas e em publicações que aos poucos vão sendo lançadas pelo IMS; por outro lado, por não conceder a guarda a uma instituição acadêmica (ABL, APL ou universidades), ela reforça o caráter de interesse público de seu arquivo pessoal, que não ficaria, portanto, restrito ao acesso de pesquisadores no âmbito universitário ou acadêmico.

Observamos como Lygia passou a se dedicar de forma mais assídua, nas obras das últimas décadas, às criações que tematizavam aspectos autobiográficos, sob a forma de crônicas, fragmentos e memórias. Seus quatro últimos livros publicados tratam de eventos de sua vida pessoal ficcionalizados. O desejo constante de resgatar e manter sua memória – ato que, ao analisarmos seu acervo, se mostra de interesse cotidiano por parte da escritora, tendo em vista que cuidou de guardar diariamente seus escritos, datiloscritos e cartas recebidas – mostra-se presente, portanto, tanto em sua produção literária (e feita para ser publicada) quanto em seu arquivo pessoal (privado, mas por ela mesma tornado público). A preocupação progressiva de Lygia com a memória seria uma contrarresposta tardia à pergunta de Simone de Beauvoir, no encontro em Paris: “Você tem medo de envelhecer?” (TELLES, 2002, p. 39). O envelhecimento aceito com a maturidade da anciã que muito guardou e tudo sabe – de *cor*. Dessa forma, o movimento da autora de desvendamento de si foi esteticamente engendrado pela escrita literária e pela revelação de seus documentos pessoais. Os dois produtos de Lygia contêm diversos mistérios, entre eles a eternidade e a memória, que muitos leitores ainda terão o prazer de elucidar.

Dedico este artigo a Lygia Fagundes Telles.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes por partilhar seus conhecimentos sobre epistolografia e supervisionar esta pesquisa no IEB-USP, bem como a Sylvie Le Bon de Beauvoir, por seu inestimável auxílio na decifração dos manuscritos de Simone de Beauvoir.

Referências

ABREU, E. dos S. *Ouvrages brésiliens traduits en français. Livros brasileiros traduzidos para o francês*. 6. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

ARQUIVO Lygia Fagundes Telles / Acervo do Instituto Moreira Salles. Rio de Janeiro, [201-]. Disponível em: <http://fotografia.ims.com.br/literatura/#1551591087801>. Acesso em: 02 mar. 2019.

ARTIÈRES, P.; LAÉ, J.-F. *Archives personnelles: histoire, anthropologie et sociologie*. Paris: Armand Colin, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3917/arco.artie.2011.01>.

BEAUVOIR, S. de. *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico (1947-1964)*. Edição, tradução do inglês e notas de Sylvie Le Bon de Beauvoir. Edição e tradução para o português de Marcia Neves Teixeira e Antonio Carlos Austregesyllo de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BEZERRA, E. “Andante con amore”: 90 anos de Lygia Fagundes Telles. *Blog do IMS*, [S. l.], 16 abr. 2013. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/andante-con-amore-90-anos-de-lygia-fagundes-telles-por-elvia-bezerra/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BLANCKEMAN, B. L’Enseigne et le laboratoire: Marguerite Yourcenar épistolière. In: DIAZ, B.; SIESS, J. *L’Épistolaire au féminin: Correspondances de femmes – XVIII^e-XX^e siècle*. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2006. p. 179-191. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.puc.10243>.

BRASIL, Lyza. *Por dentro dos acervos*. Instituto Moreira Salles, [s. l.], 04 jan. 2014. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/escrita-a-moda-antiga/>. Acesso em: 01 mar. 2019.

DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DIAZ, J.-L. Qual genética para as correspondências? Tradução de Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita*, São Paulo, n. 15, p. 119-161, 2007.

MAUPASSANT, G. de. Le Style épistolaire. In: MAUPASSANT, G. de. *Chroniques: anthologie. Textes choisis, présentés et annotés par Henri Mitterand*. Paris: Librairie Générale Française, 2008. p. 259-264. (Le Livre de Poche).

SACONI, R. Há 50 anos Sartre e Simone de Beauvoir visitavam São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 02 set. 2010. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ha-50-anos-sartre-e-simone-de-beauvoir-visitavam-sao-paulo,604179>. Acesso em: 15 jan. 2019.

TELLES, L. F. *A disciplina do amor: memória e ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

TELLES, L. F. *A estrutura da bolha de sabão: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

TELLES, L. F. Discurso de posse. Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 12 maio 1987. Disponível em: <http://academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/discurso-de-posse>. Acesso em: 04 abr. 2019.

TELLES, L. F. *Durante aquele estranho chá: perdidos e achados*. Organização de Suênio Campos de Lucena. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TELLES, L. F. *Um coração ardente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Anexo I – Obras de Lygia Fagundes Telles no Brasil

Ciranda de pedra, romance (1954)

Histórias do desencontro, contos (1958)

Verão no aquário, romance (1963)

Capitu, roteiro de cinema, em colaboração com Paulo Emílio Sales Gomes (1967)

Antes do baile verde, contos (1970) – o conto homônimo foi premiado no Concurso Internacional de Escritoras, em Cannes, na França.

As meninas, romance (1973)

Seminário dos ratos, contos (1977)

A disciplina do amor, memórias e fragmentos (1980)

As horas nuas, romance (1989)

A estrutura da bolha de sabão, contos (1991) – primeiramente publicado com o título *Filhos pródigos* (1978).

A noite escura mais eu, contos (1995)

Invenção e memória, memórias e crônicas (2000)

Durante aquele estranho chá, memórias e crônicas (2002)

Conspiração de nuvens, memórias e crônicas (2007)

Passaporte para a China, crônicas de viagem (2011)

Fonte: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/bibliografia>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Anexo II – Obras de Lygia Fagundes Telles na França

La Structure de la bulle de savon. Traduction de Inês Oseki-Dépré. Aix-en-Provence, 1986. (Republicada pela editora de Paris, Presses Pocket, em 1992 e pela Le Serpent à Plumes, em 1999 e 2000.)

Un thé bien fort et trois tasses. Traduction de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Aix-en-Provence: Alinéa, 1989. (Republicada pela editora de Paris, Le Serpent à Plumes, em 1995.) – Trata-se de versão de *Antes do baile verde*.

L'Heure nue. Trad. Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Aix-en-Provence: Alinéa, 1991. (Republicada pela editora de Paris, Le Serpent à Plumes, em 1996 e em 2000).

La Nuit obscure et moi. Traduction de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Rivages, 1998.

La Discipline de l'amour. Traduction de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Rivages, 2002.

Les Pensionnaires. Traduction de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Stock, 2005.

Fonte: ABREU, 2008, p. 162.

Recebido em: 18 de abril de 2019.

Aprovado em: 9 de setembro de 2019.